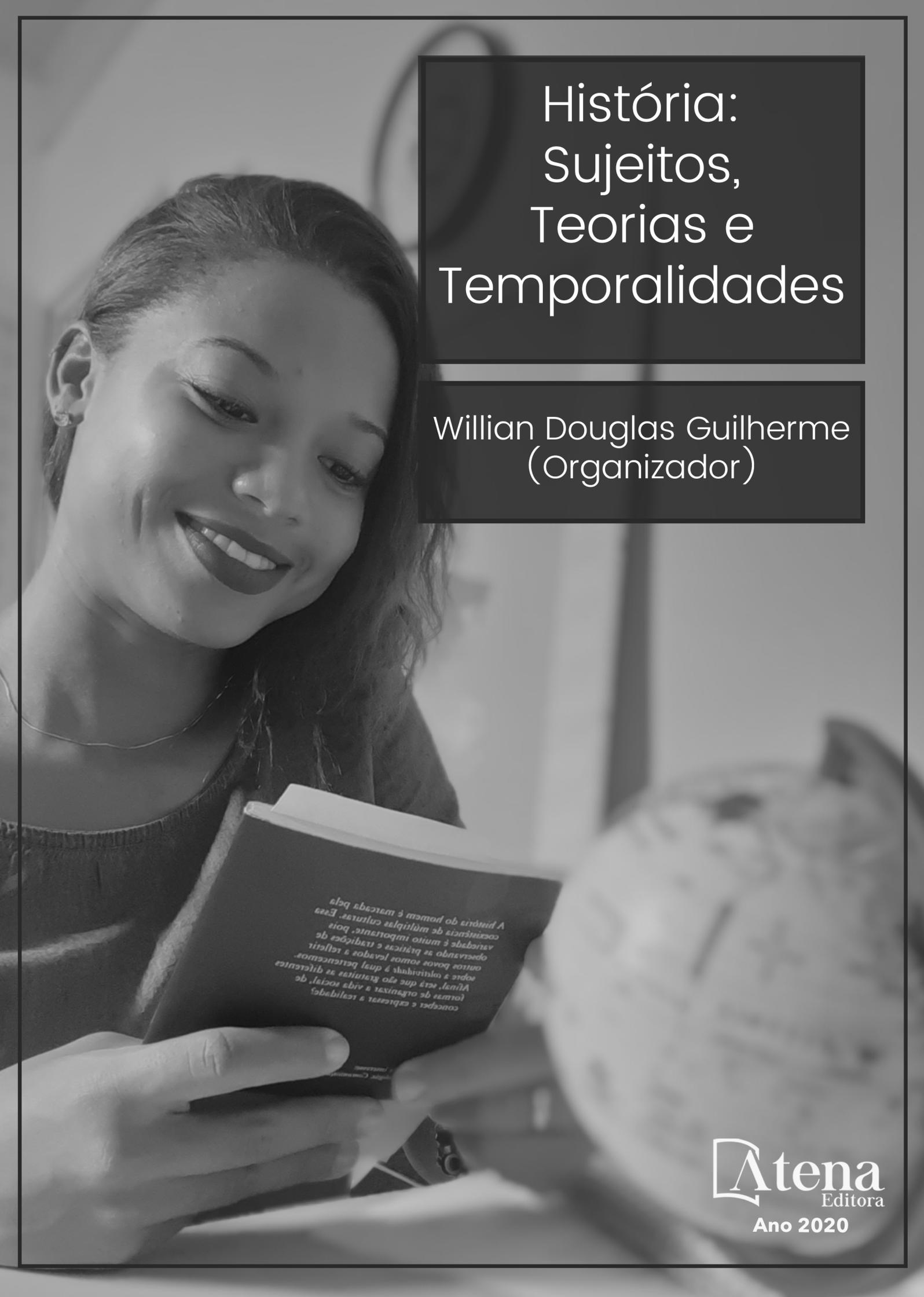


História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A história do homem é marcada pela
consciência de múltiplas culturas. Essa
avaliação é muito importante, pois
operando as bases e tradições de
outros povos, somos levados a refletir
sobre a construção de uma identidade
única, que não exclua as diferenças
locais de organizar a vida social, de
conceber e explicar a realidade.



História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : sujeitos, teorias e temporalidades / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-154-1 DOI 10.22533/at.ed.541200107</p> <p>1. História – Pesquisa – Brasil. 2. Historiografia. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “História Sujeitos, Teorias e Temporalidades”, foram reunidos quinze artigos que fazem um debate historiográfico em torno dos sujeitos, teorias e temporalidades. Os artigos foram dispostos em cinco grupos.

No grupo um, são três artigos. O primeiro, trazendo um novo olhar sobre a colonização da então capitania de Minas Gerais no século XVIII. O segundo, discute a Lei de Terras em 1850, transitando entre as famílias ricas e pobres. O terceiro, fala sobre o movimento integracionista europeu a partir da segunda metade do século XX.

No grupo dois, os artigos discutem o sofrimento em Nietzsche, o sujeito moderno em Voltaire e o papel da memória como fonte para a história.

No terceiro grupo, são quatro artigos. O primeiro apresenta a investigação baseada na obra de Gustavo Barroso e propõe um estudo dos termos patriotismo e nacionalismo. O segundo texto traz uma reflexão sobre educação patrimonial tendo como su eito, inusitadamente, o Exército Brasileiro. O terceiro, ressalta a atuação do ex-Senador Eduardo Suplicy com referência aos temas cidadania e Programa de Garantia de Renda Mínima. Por fim, são trazidas as influências sofridas por Sérgio Buarque de Holanda em parte de suas obras.

Para o quarto grupo iniciamos com um estudo baseado nos diários de campo de Frederick Starr em suas viagens comerciais ao Congo nos anos de 1905 e 1906. Seguimos com um interessante estudo que entrelaça religiosidade e Marco (Colonial) de Touros, de 1501, localizado no Rio Grande do Norte. Fechando este grupo, um estudo de caso realizado entre os anos de 2012 e 2014, na cidade Cachoeira da Serra/PA, demonstrando o avanço da “contra-reforma-agrária” sobre a Amazônia.

O quinto grupo fechamos com dois artigos. Iniciando com um texto provocante sobre os lugares de sociabilidade em Recife na segunda metade do século XIX. E fechando o quinto grupo e a obra, é apresentada a Companhia Têxtil Brasil Industrial, então localizada na cidade de Paracambi/RJ e sua importância para a história da cidade e do Brasil.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FACE OCULTA DA COLONIZAÇÃO: MEDIDAS DE CONTENÇÃO À MISCIGENAÇÃO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS (1719-1732)	
Hilton César de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5412001071	
CAPÍTULO 2	12
A LEI DE TERRAS DE 1850 NO CENTRO DA DISCUSSÃO: UM ELO COERCITIVO SOBRE AS FAMÍLIAS LIVRES E POBRES	
Leandro Neves Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.5412001072	
CAPÍTULO 3	23
A INTEGRAÇÃO EM DISPUTA: MOVIMENTO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO INTEGRACIONISTA EUROPEU	
Daniel Wanderley Caliman	
DOI 10.22533/at.ed.5412001073	
CAPÍTULO 4	35
O PROBLEMA DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE	
Gabriela Ferraz Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5412001074	
CAPÍTULO 5	49
O SUJEITO MODERNO EM VOLTAIRE	
Dagmar Manieri	
Elias Rocha Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.5412001075	
CAPÍTULO 6	58
TEMPO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE AIMÉ BOMPLAND	
Alessandra da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5412001076	
CAPÍTULO 7	64
PERSONIFICAR A NAÇÃO – NARRATIVA HISTÓRICA E ESCRITA BIOGRÁFICA EM GUSTAVO BARROSO	
Erika Morais Cerqueira	
DOI 10.22533/at.ed.5412001077	
CAPÍTULO 8	74
REFLEXÕES SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: AS INICIATIVAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5412001078	

CAPÍTULO 9	86
A CIDADANIA E O PROGRAMA DE GARANTIA DE RENDA MÍNIMA: AS IDEIAS DO SENADOR INTELECTUAL EDUARDO SUPLICY (1990-2006)	
Glauber Eduardo Ribeiro Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5412001079	
CAPÍTULO 10	96
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ENTRE O HISTORICISMO ALEMÃO E OS ANNALES	
André Augusto Abreu Villela	
DOI 10.22533/at.ed.54120010710	
CAPÍTULO 11	113
COMÉRCIO, CONHECIMENTO E CULTURA: AS SOCIEDADES CENTRO-AFRICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX A PARTIR DOS TESTEMUNHOS DE FREDERICK STARR	
Paulo Roberto Firmino Marques	
DOI 10.22533/at.ed.54120010711	
CAPÍTULO 12	126
O MARCO DE TOUROS: UM SÍMBOLO DA RELIGIOSIDADE POPULAR	
José Willians Simplício da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54120010712	
CAPÍTULO 13	141
TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO SUDOESTE PARAENSE	
Karina Andréa Tarca	
DOI 10.22533/at.ed.54120010713	
CAPÍTULO 14	154
RESTAURANTES E CAFÉS: OS LUGARES DE SOCIABILIDADES E GASTRONOMIA NO RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.54120010714	
CAPÍTULO 15	167
UMA PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA <i>COMPANHIA TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL</i> EM PARACAMBI - RJ	
Angelissa Tatyane de Azevedo Silva	
Davi Pereira Romeiro Neto	
DOI 10.22533/at.ed.54120010715	
SOBRE O ORGANIZADOR	184
ÍNDICE REMISSIVO	185

COMÉRCIO, CONHECIMENTO E CULTURA: AS SOCIEDADES CENTRO-AFRICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX A PARTIR DOS TESTEMUNHOS DE FREDERICK STARR

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 04/05/2020

Paulo Roberto Firmino Marques

Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), membro do Núcleo de Estudos de Aprofundamento Marxista (NEAM) da PUC/SP e professor de Educação Básica Nível II - História na Prefeitura do Município de Cajamar/SP.

São Paulo – SP.

<http://lattes.cnpq.br/8732516927466723>

As reflexões desenvolvidas neste texto fazem parte de uma pesquisa com o mesmo título que contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil por meio da concessão de uma bolsa de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade de São Paulo (USP) do edital 2016/2017.

RESUMO: Esta pesquisa buscou compreender as relações comerciais estabelecidas entre as sociedades centro-africanas e a expedição de Frederick Starr ao Estado Independente do Congo nos anos de 1905 e 1906, utilizando como fontes os diários de campo e a coleção

etnográfica legados por esse professor da Universidade de Chicago. Para a realização desse objetivo, fez-se necessária a leitura crítica da documentação que se atentou para a identificação e análise das relações estabelecidas entre a expedição e as sociedades locais. Adotou-se uma perspectiva metodológica preocupada com a experiência histórica das populações centro-africanas, que norteia vários trabalhos historiográficos brasileiros inspirados na obra do historiador britânico E. P. Thompson. O recorte escolhido para o presente estudo compreendeu os territórios da cidade de Ndombe e da aldeia de Chicoma, organizações sociais fundadas longe de seus centros culturais originários: os reinos kuba e luba. Por serem grupos culturais mais interiorizados no continente do que os Bateke (que viviam próximo de Leopoldville) e por não terem participado ativamente do comércio atlântico de escravos, os Kuba e os Luba, segundo nossa hipótese, tiveram contato rarefeito com os ocidentais. Não tinham estabelecida entre si a forma-dinheiro, adotando, nas relações comerciais com a expedição de Starr, estratégias típicas da chamada “forma de valor simples”, isto é, a troca de mercadorias por mercadorias e não de mercadorias pelo equivalente universal dinheiro. Nossa hipótese é que, diferentemente

dos Bateke que, provavelmente, já tinham a forma-dinheiro estabelecida entre si; os Kuba e os Luba encaravam o dinheiro como apenas mais uma mercadoria. Portanto, ele deixou de ser um equivalente universal para ser apenas uma peça metálica introduzida pelos ocidentais na região.

PALAVRAS-CHAVE: África Central; Estado Independente do Congo; Bakuba; Baluba; Frederick Starr.

TRADE, KNOWLEDGE AND CULTURE: CENTRAL AFRICAN SOCIETIES AT THE BEGINNING OF THE TWENTIETH CENTURY BY FREDERICK STARR'S RECORDS

ABSTRACT: This research aims to analyze the commercial relations established between Central African societies and Frederick Starr's expedition to Congo Free State in 1905 and 1906. The main sources used were Starr's field notes and the ethnographic collection that was collected there. The critical reading of documentation focused on the identification and the analysis of the relations that was established between the expedition and African societies. We adopted a methodological perspective capable of looking at Central African societies' historical experience. This perspective guides several Brazilian historiographical works that were inspired by E. P. Thompson's books. The geographic areas addressed were Ndombe's town and Chicoma's village. These social organizations were away from their cultural centers of origin, i.e., Kuba and Luba kingdoms. Bakuba and Baluba did not participate actively in the Trans-Atlantic Slave Trade, for this reason, the people from these places had a reduced contact with the Western men. These Central African societies did not have the money form established, so they adopted the "elementary form of value" when they sold their artifacts to Frederick Starr's expedition. The people from Ndombe's town and Chicoma's village used some typical strategies from this specific form of value by e.g. to barter commodities. Our hypothesis is that the money was considered another commodity by Bakuba and Baluba people. When they sold their artifacts for money, they did not bargain the prices. For this reason, we found lower prices in these societies than the prices in Bateke villages. Bateke people were an important supplier of slaves for Brazil, so their contacts with the Western traders may have changed their society. Our conclusion is there was a great difference between Central African societies near to Leopoldville and the societies away from there. This difference concerns the forms of value established in these distinct cultural groups.

KEYWORDS: Central Africa; Congo Free State; Bakuba; Baluba; Frederick Starr.

1 | INTRODUÇÃO

O estudo intitulado "Comércio, conhecimento e cultura: as sociedades centro-africanas no início do século XX a partir dos testemunhos de Frederick Starr" almejou compreender as relações sociais estabelecidas entre as sociedades centro-africanas e a expedição de Frederick Starr (antropólogo e professor da University of Chicago) e de

Samuel Philips Verner (missionário presbiteriano) ao Estado Independente do Congo nos anos de 1905 e 1906. Esta expedição legou uma documentação de grande volume que perfaz doze diários de campo (*Notebooks: Starr's Expedition Field Notes*), que se encontram sob a guarda da University of Chicago Library; algumas publicações, como *Ethnographic notes from the Congo Free State: an African miscellany* (1909) e *Congo natives: an ethnographic album* (1912); e mais de quatro mil artefatos lotados no American Museum of Natural History em New York. No entanto, neste texto, dedicamo-nos à leitura crítica da documentação que corresponde ao período no qual Frederick Starr permaneceu como único chefe da expedição, percorrendo as terras de Matadi, de Leopoldville e de cidades locais, como Chicoma e Ndombe. No dia 16 de fevereiro de 1906, Verner, que estava em Djoko Punda (conhecida, mais tarde, por estação de Charlesville), juntou-se à expedição e ambos, em nome de um dos principais museus do mundo ocidental, passaram a definir os rumos que aquela caravana tomaria. Nessa empreitada, o antropólogo estadunidense entrou em contato com várias sociedades centro-africanas muitas delas associadas, historicamente, ao comércio atlântico (como os Bateke¹, os Bobangi e os Mbangala) e ao comércio caravaneiro na África Central (como os Kuba, os Luba e os Pende). Dessa forma, a documentação focalizada na pesquisa constituiu-se de cinco diários, o livro *Congo natives* de autoria de Starr, publicado em 1912, e 377 artefatos que foram adquiridos nesse período e que foram interpretados em consonância com os registros correspondentes a eles na documentação escrita.

Almejavamos, com isso, compreender as relações estabelecidas entre determinadas sociedades centro-africanas e a expedição de Starr e Verner nos anos de 1905 e 1906. Para a realização desse objetivo (*geral*), fez-se necessária a leitura crítica da documentação que se atentou para os seguintes elementos (*objetivos específicos*): I – a compreensão das relações pessoais estabelecidas entre Starr e os membros de sua expedição, como intérpretes e carregadores; II – a identificação e análise das relações estabelecidas entre a expedição e as sociedades locais; e III – a apreensão das ideias preconcebidas de Frederick Starr sobre as populações centro-africanas e em que medida as viagens alteraram ou não suas percepções.

2 | METODOLOGIA

Para estudar as relações estabelecidas entre as sociedades centro-africanas do Estado Independente do Congo e a expedição então chefiada apenas por Frederick Starr a partir de uma documentação produzida por um ocidental, faz-se necessária uma perspectiva metodológica preocupada não só com o autor dos registros, mas também com os indivíduos “que não tiveram oportunidade de legar fontes e testemunhos diretos”

1 Grafamos, como em Antropologia, os etnônimos que são substantivos com letra maiúscula e os adjetivos com minúscula. Adotamos também o hábito de não flexionar para o plural os etnônimos quaisquer que sejam.

(WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “A sociedade expedicionária em movimento”. In: RIBEIRO, 2013b, p. 13). Do contrário, a pesquisa apenas reforçaria o discurso daqueles ligados ao poderio colonial no continente africano. Essa perspectiva foi colocada em prática, inicialmente, pelo historiador britânico Edward Palmer Thompson que, lendo “a contrapelo” a documentação, voltou-se para a experiência histórica dos grupos tidos como subalternos e aliados dos poderes econômico e político sobretudo na Inglaterra dos Setecentos (THOMPSON, [1978] 1981, p. 15-7; Id., [1991] 1998).

A experiência histórica das sociedades centro-africanas é alvo de uma historiografia crescente e que conta com publicações sobre diversos temas, como os trabalhos de Jill Dias ([2002] 2007) sobre os grupos Vili, de Beatrix Heintze ([2002] 2004) (Frobenius-Institut) e de Isabel de Castro Henriques (2003) (Universidade de Lisboa) sobre os Chokwe, os Mbangala e os viajantes em Angola; e, mais recentemente, as pesquisas de historiadoras brasileiras que consideram que seja possível chegar à agência histórica centro-africana a partir da leitura crítica da documentação produzida pelos viajantes durante o colonialismo do final dos séculos XIX e XX. Dentre essa produção recente, destacamos: os estudos sobre as populações lunda abordadas por Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida (2013 e 2015) (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional); as pesquisas de Elaine Ribeiro da Silva dos Santos (RIBEIRO, 2013a, 2013b e 2016) (Universidade Federal de Alfenas) acerca dos carregadores das expedições ocidentais na região da Lunda bem como do comércio de longa distância; as reflexões sobre “as reações e acomodações ocorridas a partir da situação colonial que se impôs frente” às sociedades que compunham o Estado Independente do Congo com suas diferentes formas de organização política de Rosana Andrea Gonçalves (2016, p. 10); e, na perspectiva de pensar o Atlântico como um espaço de relações que interconectavam diferentes continentes, sociedades e grupos sociais, as publicações de Maria Cristina Cortez Wissenbach (2011 e 2015) (Universidade de São Paulo).

Tendo como base as reflexões de Thompson, as pesquisadoras brasileiras mencionadas puderam ler criticamente os relatos de viagem ao continente africano e não mais apenas realizar uma história do autor da obra, decidindo voltar-se àqueles indivíduos que aparecem de maneira difusa nestes mesmos relatos. O exercício de reflexão não se resume a compreender a maneira como diversos indivíduos foram representados, mas sim, compreender a narrativa como fundamentada em um contexto no qual ocorreram diversas relações sociais entre diferentes pessoas. Logo, os relatos de viagem não são só uma tentativa de organização da realidade por parte dos ocidentais, mas também um registro de uma realidade da qual estavam começando a tomar conhecimento. Dessa forma, é possível fazer uma história dos grupos sociais que aparecem nos relatos, sem se esquecer das limitações das informações fornecidas que estão impregnadas pelos preconceitos e pela cultura de quem as registrou.

Só é possível obter algum resultado com esse esforço de compreensão se não nos

dedicarmos a uma concepção de história que trata como alvo de sua reflexão apenas os registros que os atores históricos pretenderam transmitir, ou seja, que tiveram a intencionalidade de legar à posteridade. Thompson aponta que as evidências não intencionais também devem ser alvo da atenção da disciplina histórica, porque, além do mais, poucas fontes sobreviveram a seu tempo apenas pela intencionalidade de seus atores históricos (THOMPSON, [1978] 1981, p. 35-6). No nosso caso, a intenção de Frederick Starr foi de fornecer ao público determinadas informações organizadas à sua maneira, publicando-as em diferentes livros e suportes. Porém, são em seus diários que encontramos informações muito preciosas para o desenvolvimento das pesquisas. Além de serem de uso pessoal, seus cadernos de campo serviram como base para que ele pudesse organizar suas publicações. Por terem essas características específicas, são nesses papéis que conseguimos entrar em contato com alguns nomes de centro-africanos que conviveram com Starr no período e até conhecer um pouco das dinâmicas de compra dos artefatos que compuseram sua coleção.

3 | RESULTADOS

Ao término de dois anos de financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)², podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que crescemos muito nos âmbitos pessoal e profissional. Tivemos muitas oportunidades para poder discutir nossa pesquisa e não deixamos nenhuma passar batida. A discussão foi muito importante não só para maturar as ideias, mas também para incorporar algumas reflexões de sujeitos singulares pretéritos que muito nos auxiliaram em nossa empreitada pelo caminho das análises quantitativas e qualitativas das relações comerciais estabelecidas entre as sociedades centro-africanas e a expedição de Frederick Starr. É sobre os resultados obtidos até então que gostaríamos de tratar a seguir.

Entre meados do ano de 2016 e o início de 2017, tivemos o prazer de defender nossas interpretações a respeito das relações comerciais estabelecidas entre a expedição de Frederick Starr e os Bateke em eventos, como o seminário “África na FFLCH II: ensino, pesquisa e extensão”, que foi organizado pelo Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP)³, e o artigo “O uso comercial do conhecimento tradicional: a venda de ‘fetiches’ bateke à expedição de Frederick Starr em Leopoldville (1905)”, publicado no volume VIII da revista *Humanidades em Diálogo* (OLIVEIRA, 2017). Até então, havíamos analisado

2 Entre agosto de 2015 e julho de 2016 com o projeto “os maiores de toda a África equatorial: rastros e registros do contato dos Bakuba com as expedições ocidentais, 1884-1909 (Atual República Democrática do Congo)” (Número do projeto: 800885/2014-7; Número do processo: 151985/2015-4) e, entre agosto de 2016 e julho de 2017 com “Comércio, conhecimento e cultura: as sociedades centro-africanas no início do século XX a partir dos testemunhos de Frederick Starr” (Número do projeto: 800585/2016-0; Número do processo: 144535/2016-5).

3 Nossas reflexões apresentadas neste evento foram organizadas na forma de artigo cujo título é “Muito além do preço: algumas notas iniciais sobre a venda de ‘fetiches’ entre os Bateke e Frederick Starr em Leopoldville (1905)”, vide OLIVEIRA, 2018.

detalhadamente apenas a parte da documentação referente à estadia do mencionado professor de Chicago em Leopoldville e seu contato com as aldeias teke nos arredores da estação, o que, por si só, já nos trouxe uma série de indagações que passaram a nortear a pesquisa.

Segundo nossas análises, os Bateke (grupo cultural centro-africano historicamente envolvido com o comércio atlântico e grande fornecedor de marfim e escravos), frequentemente negociavam os preços de suas mercadorias com o referido antropólogo estadunidense e com os integrantes de sua expedição. Venderam, sobretudo por iniciativa própria, aquilo que Starr enquadrou na categoria “fetiche”, ou seja, objetos mágico-religiosos que, por conterem substâncias orgânicas e por serem sacralizados, podiam manipular as forças do mundo invisível. Os Teke disputaram o preço atribuído a seus artefatos, demonstrando não só uma larga habilidade para o comércio que foi desenvolvida ao longo de suas interações históricas, mas também o domínio de como funcionava o sistema monetário do Estado Independente do Congo. Frederick Starr pagava-lhes em francos belgas (BEF) com preços variáveis, mas acabou seguindo o padrão, forma geral, de oferecer maiores quantias pelos “fetiches” do que em relação a utensílios do cotidiano, como canecas, colares e pentes. Em vários casos, para evitar que os preços baixassem muito, os Bateke forneceram informações sobre o uso social dos “fetiches” que estavam vendendo, fazendo com que o professor de Chicago lhes oferecesse um preço adicional pela venda do conhecimento. Essa descoberta foi importante para que pudéssemos compreender que, mesmo no início do colonialismo no continente africano, os centro-africanos souberam como interagir com os agentes coloniais e como utilizar suas experiências pretéritas para agir nesse período crítico em suas vidas. Isso nos aproximou das perspectivas metodológicas adotadas pelas historiadoras africanólogas citadas na seção anterior (Metodologia). Porém, chegou um momento em que o estudo das relações comerciais por nós realizado precisava de uma base teórica mais específica que permitisse nos atentarmos para a materialidade envolvida, levando em conta as negociações que se deram. Foi na “Crítica da economia política” de Karl Marx, publicada, pela primeira vez, em 1867, que encontramos uma teia categorial que poderia dar conta (com adaptações, é claro) das interações entre as sociedades centro-africanas e a expedição de Frederick Starr. Trataremos desse tema com mais vagar na próxima seção.

4 | ANÁLISES

Após a consolidação das ideias sobre a especificidade dos Bateke, partimos para as análises de outras duas partes da documentação, já previamente selecionadas, que foram as entradas dos diários que se referiam à cidade de Ndombe e à aldeia de Chicoma⁴.

⁴ Referimo-nos a estas organizações sociais como cidade de Ndombe e aldeia de Chicoma, respeitando não só a nomenclatura encontrada na documentação, mas também deixando clara a relação destes locais com seus respectivos líderes, não por caso, Ndombe (um Mukuba – indivíduo kuba) e Chicoma (um Muluba).

Diferentemente das aldeias teke, esses dois locais não estavam atrelados a um grupo cultural específico. Na verdade, eles foram fundados por dois sujeitos provenientes de culturas já bem consolidadas na região da África Central (Bakuba e Baluba), que se deslocaram de seus reinos de origem juntamente com seus grupos familiares por motivos que desconhecemos e que se fixaram em terras de fácil acesso às caravanas comerciais. Ainda é muito cedo para afirmarmos se a escolha do local foi intencional ou não; porém, o que já podemos dizer é que a composição interna dessas organizações sociais era muito variável, já que contava com a presença de comerciantes de terras longínquas e de culturas variadas.

O caso da cidade de Ndombe é bastante importante, pois esse local foi largamente fotografado por Frederick Starr. Os registros da época, como as imagens 1 e 2 a seguir, nos proporcionam apreender o caráter itinerante da população⁵, tendo em vista as instalações físicas da cidade, bem como a semelhança dessas com as da corte kuba, que foram descritas pelo reverendo William Henry Sheppard (1917) em seu *Presbyterian Pioneers in the Congo* e por Jan Vansina (1964) e Joseph Cornet (1982) no final do período colonial da região. Nosso foco não foi estudar as fotografias do álbum da expedição, mas sim, nos atentarmos para as relações comerciais estabelecidas entre os habitantes da cidade de Ndombe e a expedição de Starr. Esses documentos serão revisitados com um olhar mais atencioso em nossas futuras investigações, por isso, por enquanto, nos deteremos sobre as mercadorias e seus preços.



Imagem 1 – Habitantes da cidade de Ndombe erguendo as instalações físicas do local⁶

5 Essa característica era recorrente nas sociedades centro-africanas devido às suas dinâmicas comerciais, que se pautavam em produtos que poderiam ser extraídos, muitas vezes, em locais específicos, como o caso do sal. Para uma explicação detalhada dessa teia comercial nessa região do continente, vide HEINTZE, [2002] 2004.

6 Imagem retirada de STARR, 1912, plate XXIII.

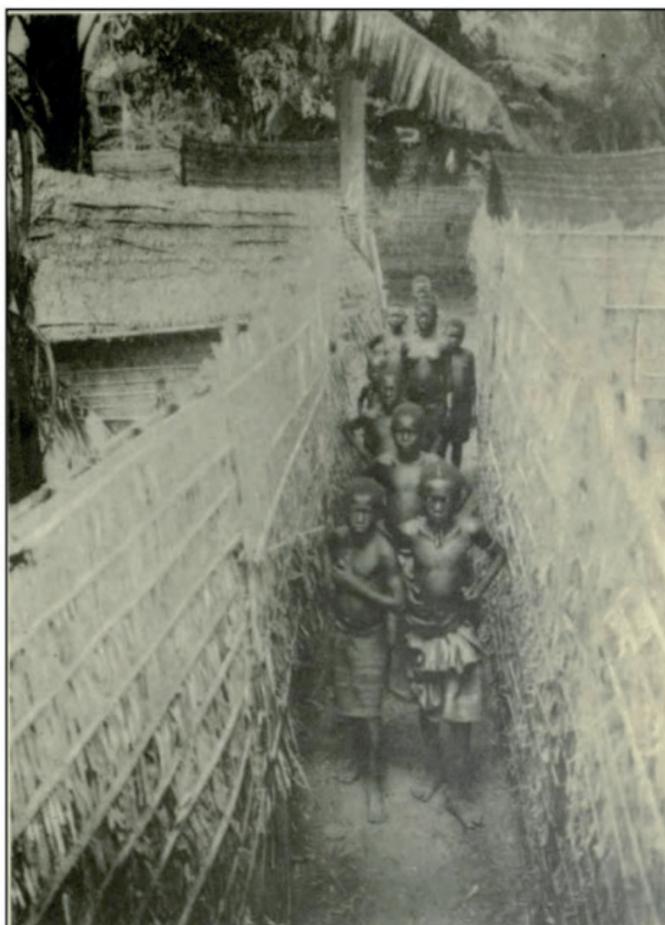


Imagem 2 – Habitantes da cidade de Ndombe entre as instalações físicas do local⁷

Foram adquiridos dos habitantes da cidade de Ndombe 73 artefatos, dos quais 83,56% (61 peças) foram por meio da compra. Mais da metade do que foi comprado (59%, ou seja, 36 peças) foi enquadrado pelo professor de Chicago na categoria “fetiche” e cerca de 60% (precisamente 61,11% – 22 peças) deste conjunto foi vendido por iniciativa dos próprios centro-africanos. Esses dados estão em consonância com nossas análises sobre as aldeias bateke que foram defendidas em momentos anteriores da pesquisa⁸. No entanto, as relações comerciais estabelecidas com os habitantes da cidade de Ndombe exigiram do antropólogo estadunidense e de sua expedição mais do que apenas moedas dos colonizadores.

Por estarem historicamente atrelados ao comércio caravaneiro centro-africano, os povos Bakuba e Baluba, muito provavelmente, estavam mais acostumados com um sistema de trocas entre mercadorias e não com a forma-dinheiro, que introduziu as moedas de metal como “equivalente universal” (MARX, [1867] 2013, p. 145). Essa hipótese ajuda a explicar por que quase metade (45,45%) dos “fetiches” vendidos por iniciativa dos centro-africanos na cidade de Ndombe foram intercambiados, ao mesmo tempo, por dinheiro e por outras mercadorias, como sal e tecidos. O preço em BEF caiu drasticamente em relação

⁷ Imagem retirada de STARR, 1912, plate XXII.

⁸ Para uma visão detalhada das análises realizadas sobre a relação comercial da expedição de Starr com os Bateke, vide OLIVEIRA, 2017.

àqueles oferecidos por Starr aos Bateke. Nos arredores de Leopoldville, o antropólogo comprava “fetiches” entre 0,5BEF e 3,0BEF, nas relações que partiam da iniciativa centro-africana, mas, com os habitantes da cidade de Ndombe, os preços variaram entre 0,05BEF e 0,3BEF, levando em conta o mesmo elemento da iniciativa comercial. “Por que será que isso ocorreu?” foi a primeira pergunta que nos fizemos, mas, para poder responder, seria necessário ter um terceiro ponto para comparação, que só foi possível com o estudo da documentação referente à aldeia de Chicoma.

Fundada seguindo um histórico semelhante ao da cidade de Ndombe, essa aldeia possuía Chicoma e sua família como núcleo central, mas, mesmo assim, sua composição era heterogênea. Como as idas da expedição à cidade de Ndombe e à aldeia de Chicoma foram poucas, os contatos com seus habitantes foram esporádicos. No caso da aldeia, todas as relações comerciais estabelecidas com seus habitantes se deram por iniciativa dos centro-africanos e a totalidade dos artefatos foi adquirida por meio da compra. Mais da metade destes (55,55%) foram o que Starr chamou de “fetiche” e nenhum exigiu em troca algo além de dinheiro. Os preços pagos pelos artefatos, quando a relação comercial partia da iniciativa centro-africana, variaram entre 0,1BEF e 0,15BEF, ou seja, houve quase uma padronização para esse conjunto de dados. Levando em conta a hipótese por nós lançada acerca dos povos Bakuba e Baluba, podemos ler os dados apresentados pela cidade de Ndombe e pela aldeia de Chicoma numa mesma chave: por se tratarem de grupos culturais nos quais há o domínio da “forma de valor simples” (MARX, [1867] 2013, p. 125), envolvendo as formas de valor relativa e de equivalente; o dinheiro assume novos usos, passando de “equivalente universal” para apenas mais uma mercadoria a ser trocada. Esses grupos não levaram em conta os números inscritos nas moedas, porque, na verdade, nem dominavam o sistema indo-arábico empregado no Ocidente, mas se importavam apenas, provavelmente, com o fato de serem peças metálicas cunhadas e perfuradas, que só passaram a circular na região após a chegada dos colonizadores. As moedas que lhes foram dadas por Frederick Starr em troca de suas mercadorias foram, geralmente, as de 5, 10 e 20 cêntimos, peças que só passaram a circular no ano de 1906, já que, até então, havia apenas os francos inteiros (CUHAJ, 2014, p. 555). Os tamanhos dessas moedas eram diretamente proporcionais a suas quantias, as de 5 cêntimos mediam 19mm de diâmetro, as de 10 cêntimos, 22mm e as de 20 cêntimos, 25mm. Todas eram constituídas de uma liga de cobre e níquel e suas faces lhes eram características: uma com monogramas encimados por coroas e a inscrição “LEOP.II R. D. BELGES SOUV. DE L’ETAT INDEP. DU CONGO” (Leopoldo II, rei dos belgas, soberano do Estado Independente do Congo); e a outra com uma estrela radiante encimada pela quantia da peça, dividindo o espaço de suas laterais com seis estrelas menores repartidas em dois trios e o ano de cunha abaixo (Ibid., p. 555).

Os habitantes da cidade de Ndombe e da aldeia de Chicoma, provavelmente, aceitavam os “baixos” preços, porque, para eles, eram ofertas “altas”. Eles estavam

recebendo o que havia de mais novo dentre as mercadorias que os ocidentais poderiam oferecer naquele momento e ainda por cima poderiam utilizar as moedas novas para trocar por mercadorias com seus povos vizinhos. Muito provavelmente essas peças monetárias não teriam grande recepção dentre os Bateke e os povos mais ao litoral, que talvez já estivessem acostumados com a forma-dinheiro e com as moedas antigas do Estado Independente do Congo que circulavam desde, pelo menos, a última década do século XIX. Essas moedas eram as de 50 cêntimos, 1BEF, 2BEF e 5BEF. Possuíam não só tamanhos diferentes das novas (17,2mm, 23mm, 27mm e 37mm respectivamente), mas suas faces eram radicalmente distintas das que viriam em 1906. A face cara possuía o perfil do rosto de Leopoldo II e as inscrições “LEOP.II R. D. BELG. SOUV. DE L’ETAT INDEP. DU CONGO”, e a face coroa tinha o ano de cunha abaixo e a quantia encimando o brasão da família real belga, que poderia, dependendo do ano de cunha, dividir seus espaços laterais com dois leões cobre (CONGO FREE STATE..., 2017). A composição dessas moedas era, geralmente, de prata, só havendo um conjunto dentre as de 5BEF que eram de cobre (5 FRANC – LÉOPOLD II..., 2017).

Portanto, não só os dois grupos de moedas citados eram bem distintos, mas também os grupos culturais centro-africanos que as aceitavam em troca de mercadorias. Essas descobertas demonstram que devemos sempre ter muito cuidado quando estudamos história. Os critérios compartilhados pelas sociedades centro-africanas não nos são diretamente acessíveis, por isso, só podemos aventar hipóteses, elaborar conjecturas, fazer aproximações. Isso é intrínseco do ofício de historiador(a) e, para nós, não há nada mais fascinante.

As conclusões às quais chegamos, mais uma vez, de certa forma, foram parciais. Prosseguiremos nossas investigações para constatar se, (I) quanto mais interiorizadas as populações centro-africanas, mais profunda foi a presença da “forma de valor simples”, e se (II) a circulação de grupos afro-árabes na margem oriental do Estado Independente do Congo trouxe interferências significativas como a presença ocidental de longa data gerou na margem esquerda.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO ESCRITA PUBLICADA

STARR, Frederick. **Ethnographic notes from the Congo Free State**. La Vergne: Kessinger, 1909.

STARR, Frederick. **Congo natives**: an ethnographic album. Chicago: Lakeside, 1912.

DOCUMENTAÇÃO ESCRITA NÃO PUBLICADA⁹

UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY. Starr, Frederick: Papers. Research Materials: Field Notes, Africa,

⁹ Grande parte do material encontrado nos diários pode ser consultada no banco de dados da divisão de Antropologia do

1905-1912, caixa 10, pasta 1. 1905a.

UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY. Starr, Frederick: Papers. Research Materials: Field Notes, Africa, 1905-1912, caixa 10, pasta 2. 1905b.

UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY. Starr, Frederick: Papers. Research Materials: Field Notes, Africa, 1905-1912, caixa 10, pasta 3. 1905c.

UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY. Starr, Frederick: Papers. Research Materials: Field Notes, Africa, 1905-1912, caixa 10, pasta 4. 1906a.

UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY. Starr, Frederick: Papers. Research Materials: Field Notes, Africa, 1905-1912, caixa 10, pasta 5. 1906b.

REFERÊNCIAS ESCRITAS

5 FRANC – LÉOPOLD II, Pattern Style. **Numista**. 2017. Disponível em <<https://en.numista.com/catalogue/pieces99280.html>>. Acesso em 01 maio 2020.

ALMEIDA, Márcia C. P. F. Comércio, bens de prestígio e insígnias de poder: interfaces entre cultura material e as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884-1888). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013. Natal, **Anais Eletrônicos**: Associação Nacional de História, 2013. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371336216_ARQUIVO_ANPUHMarcia.pdf>. Acesso em 30 abr. 2020.

ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. *Comércio, bens de prestígio e insígnias de poder: as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884-1888)*. 231 p. Dissertação de Mestrado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

CONGO FREE STATE – Franc (1887-1967). **Numista**. 2017. Disponível em <<https://en.numista.com/catalogue/index.php?r=congo+free+state&p=1&x=0&y=0>>. Acesso em 01 maio 2020.

CORNET, Joseph. **Art Royal kuba**. Milano: Sipel Milano, 1982.

CUHAJ, George S. (Ed.). Congo Free State. In: _____. **2014 Standard Catalog of World Coins: 1901-2000**. 41. ed. Wisconsin: Krause Publications, 2014, p. 555.

DIAS, Jill. Novas identidades africanas em Angola no contexto do comércio atlântico. In: BASTOS, Cristina; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (Orgs.). **Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros**. Campinas: Ed. Unicamp, [2002] 2007, p. 315-43.

GONÇALVES, Rosana Andréa. *Sociedades africanas frente à situação colonial europeia: o Estado Independente do Congo (1876-1908)*. 2016. 190 p. Tese de Doutorado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

HEINTZE, Beatrix. **Pioneiros africanos: caravanas de carregadores na África Centro-Occidental (entre 1850-1890)**. Tradução de Marina Santos. Lisboa: Caminho, [2002] 2004 (Coleção Estudos Africanos).

HENRIQUES, Isabel de Castro. Armas de fogo em Angola no século XIX. In: _____. **Os pilares da diferença: Portugal-África, séculos XV-XX**. Lisboa: Caleidoscópio, 2003, p. 365-391.

MARX, Karl. A mercadoria. In: **O Capital: crítica da economia política, livro I: o processo de produção do capital**. 1. ed.; 1. reimp., São Paulo: Boitempo, tradução de Rubens Enderle, [1867] 2013, p. 113-158.

American Museum of Natural History em <https://anthro.amnh.org/starr_archive>. Acesso em 01 maio 2020.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Marques de. Muito além do preço: algumas notas iniciais sobre a venda de “fetiches” entre os Bateke e Frederick Starr em Leopoldville (1905). In.: MACÊDO, Tania Celestino (Org.). **África: perspectivas – ensino, pesquisa e extensão**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018, p. 199-216. Disponível em <http://cea.fflch.usp.br/sites/cea.fflch.usp.br/files/e-book_WORD_A%20-%20NOVEMBRO%202018.pdf>. Acesso em 02 maio 2020.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Marques de. O uso comercial do conhecimento tradicional: a venda de “fetiches” bateke à expedição de Frederick Starr em Leopoldville (1905). **Humanidades em Diálogo**, São Paulo, v. VIII, p. 187-198, 2017.

RIBEIRO, Elaine. “Os trabalhadores Loandas da expedição portuguesa ao Muatiãnvua (1884-1888)”, **VARIA HISTORIA**. Belo Horizonte, v. 29, n. 51, 2013a, p. 697-719. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v29n51/v29n51a04.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2020.

RIBEIRO, Elaine. **Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda, 1884-1888**. São Paulo, Alameda, 2013b.

RIBEIRO, Elaine. **Sociabilidades em trânsito: os carregadores do comércio de longa distância na Lunda (1880-1920)**. 335 p. Tese de Doutorado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

SHEPPARD, William Henry. **Presbyterian Pioneers in the Congo**. Richmond: Prebyterian Committee of Publication, 1917.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário dos erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., [1978] 1981 (Coleção Biblioteca de Ciências Sociais – Sociologia).

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Tradução de Rosaura Eicheberg. São Paulo, Companhia das Letras, [1991] 1998.

VANSINA, Jan. “Le royaume kuba”, in: **Annales**. Tervuren: Musée Royal de l’Afrique Centrale, Série IN. 8 – Sciences Humaines, n. 49, 1964.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. As feitorias de urzela e o tráfico de escravos: Georg Tams, José Ribeiro dos Santos e os negócios da África Centro-Occidental na década de 1840. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 43, p. 43-90, 2011.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Dinâmicas históricas de um porto centro-africano: Ambriz e o Baixo Congo nos finais do tráfico atlântico de escravos (1840 a 1870). **Revista de História**, São Paulo, n. 172, p. 163-195, jan.-jun./2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 114, 115, 117, 119, 123, 124, 129, 130, 163

Annales 9, 63, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 124

Autoridade 1, 26, 28, 66, 129, 130

B

Bakuba 114, 117, 119, 120, 121

Baluba 114, 119, 120, 121

Biografia 61, 64, 70, 105, 111

Bonpland 58, 61, 62, 63

Brasil Industrial 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182

C

Casamento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10

Cidadania 7, 9, 28, 31, 66, 76, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Colonização 7, 8, 1, 2, 13, 100, 105, 141, 142, 143, 151

Cultura Política 64, 65, 73

E

Eduardo Suplicy 7, 9, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Esquecimento 8, 44, 58, 59, 60, 61, 63, 75, 77, 83, 137

Europa 3, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 51, 62, 81, 98, 99, 101, 108, 129, 130, 154, 155, 163

F

Fábrica 73, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 181, 182

Família 1, 2, 5, 6, 10, 17, 50, 51, 55, 65, 91, 92, 121, 122, 148, 151, 161, 174

Famílias Livres 8, 12, 15, 18, 20

Frederick Starr 7, 9, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 124

G

Gastronomia 9, 153, 160, 163, 164

Gustavo Barroso 7, 8, 64, 68, 72

H

História 2, 7, 1, 10, 14, 21, 26, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82, 85, 86, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105,

106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 153, 154, 157, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 182, 183
Historicismo 9, 96, 97, 99, 102, 103, 109, 111

I

ideal ascético 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47
Identidade 9, 26, 30, 31, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 94, 96, 105, 137, 140, 146, 150, 168, 170, 181
Iluminismo 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 154
Integração 8, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 52, 83, 89, 142
Intelectual 9, 49, 50, 55, 68, 69, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 107, 109, 110, 112, 127, 133, 134, 155, 161

L

Lei 7, 8, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 61, 79, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 142, 148, 160, 168

M

Memória 7, 8, 8, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 106, 153, 164, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 181
Mestiçagem 1, 6, 7, 8, 9
Militares 32, 64, 68, 70, 81, 83, 148

N

Nacionalismo 7, 64, 67, 72, 151
Nada 6, 16, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 55, 122

O

Ocupação Territorial 12, 20, 141

P

Paracambi 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 181, 182
Patrimônio 9, 13, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 116, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 177, 181
Pobres 7, 8, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 89, 155, 156

Q

Querer 35, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 136

R

Razão 4, 5, 36, 39, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 73, 87, 94, 101, 155

Recife 7, 9, 12, 85, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

S

Senador 7, 9, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94

Sérgio Buarque de Holanda 7, 9, 96, 98, 99, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Sociabilidades 9, 65, 86, 88, 124, 153, 160, 161, 162, 163, 164

Sociedade Civil 34, 49, 51, 53, 89

Sufrimento 7, 8, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47

T

Tempo 8, 2, 10, 14, 15, 21, 44, 51, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 97, 99, 101, 106, 107, 112, 117, 120, 126, 135, 138, 140, 150, 154, 158, 162, 168, 169, 170, 172, 173

Terras 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 79, 98, 103, 115, 119, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 158, 169

Tolerância Religiosa 49

U

União Europeia 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34

V

Voltaire 7, 8, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Vontade 4, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 99

 **Atena**
Editora

2 0 2 0